

Em Tese

VINTE ANOS DA *REVISTA EM TESE*: NOS BASTIDORES DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DISCENTE

Twenty years of the *Em Tese Journal*: behind the scenes of a student scientific journal

Fernanda dos Santos Trindade

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)
Universidade Federal de Santa Catarina
fernandatrindade94@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3252-7272> 

Brenda Gonçalves Andujas

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)
Universidade Federal de Santa Catarina
brendaandujas@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8681-5136> 

A lista completa com informações das autoras está no final do artigo 

RESUMO

A *Em tese* é uma revista acadêmica coordenada por alunos Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da UFSC, que tem publicado periódicos semestralmente, e completou 20 anos de existência em 2023. Sendo assim, o objetivo deste artigo é promover uma reflexão sobre a necessidade de um olhar atento para periódicos discentes menores que atuam na área de humanidades, como também expor o funcionamento interno desses periódicos científicos, considerando suas dificuldades e limitações. Assim, foram analisadas algumas variáveis, como: áreas de conhecimento, instituições, titulação e gênero dos autores publicados, para que possamos compreender e analisar os parâmetros da *Em Tese* no período de 2013 a 2023. Dentre as principais reflexões, destacamos a grande disparidade de gênero entre os autores publicados nesta última década, com um número bem maior de autores homens do que mulheres, ainda que atualmente o corpo editorial seja composto majoritariamente por mulheres, bem como as editoras-gerentes e a editora-chefe. Tendo em vista, a escassez de recursos para o fomento da revista, finalizamos o com uma reflexão sobre os últimos 3 anos da revista, período em que as autoras fizeram parte do corpo editorial, e que algumas importantes modificações foram tomadas, visando uma maior excelência e efetividade, para que a *Em Tese* possa continuar divulgando um conteúdo científico de qualidade nas próximas décadas.

PALAVRAS-CHAVE: *Em Tese*. Revista acadêmica. Periódicos discentes. Conteúdo científico.

ABSTRACT

The *Em Tese* is an academic journal coordinated by students from the Sociology and Political Science Postgraduate Program at UFSC, which has published journals every six months, and completed 20 years of existence in 2023. Therefore, the objective of this article is to promote a reflection on the need for a careful look at smaller student journals that work in the humanities area, as well as to expose the internal functioning of these scientific journals, considering their difficulties and limitations. Thus, some variables were analyzed, such as: areas of knowledge, institutions, level of education and gender of published authors, so that we can understand and analyze the parameters of *Em Tese* in the period from 2013 to 2023. Among the main reflections, we highlight the great gender disparity between authors published in the last decade, with greater number of male authors than female authors, even though currently the editorial board is made up mostly of women, as well as the managing editors and the editor-in-chief. Bearing in mind the scarcity of resources to promote the academic journal, we end with a reflection on the last 3 years, a period in which the authors were part of the editorial board, and in which some important modifications were made, aiming for greater excellence and effectiveness, so that *Em Tese* can continue disseminating quality scientific content for decades to come.

KEYWORDS: *Em Tese*. Academic journal. Student journal. Scientific content.

1 INTRODUÇÃO

A *Revista Em Tese* completou vinte anos em dezembro de 2023. O periódico, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é mantido pelos discentes de pós-graduação, que compõem o corpo editorial e gerenciam o fluxo de submissões remetidas para avaliação. O periódico surgiu em 2003, com a proposta de ser um “[...] espaço didático e laboratorial que estimulasse os discentes [...] a participar do mundo da editoração científica”¹ e permanece até o momento comprometido com a circulação do conhecimento científico.

Com trinta e cinco edições publicadas, a *Em Tese* reúne um vasto repertório de pesquisas, pesquisadores(as), avaliadores(as), editores(as) e leitores(as) que dinamizam a possibilidade de sua continuidade e constante aperfeiçoamento. A atuação desses agentes, mesmo que de forma individualizada, permite a constituição de uma rede de trabalho coletivo, que mantém a atividade da revista e contribui para o quadro de produção científica nacional, sobretudo na área de humanidades.

Esta rede de interdependência é fruto, especialmente, da persistência e comprometimento que os pós-graduandos assumem ao aceitar integrar o corpo editorial de uma revista científica, dedicando esforços e servindo de intermediários entre o(a) pesquisador(a) e o(a) avaliador(a). Essa intermediação visa garantir que o(a) autor(a) receba contribuições de especialistas, bem como contribui para que os(as) especialistas possam acompanhar o que tem sido debatido na sua área de conhecimento. Viabilizando, dessa forma, a publicação de estudos acadêmicos, após passarem por um processo avaliativo cuidadoso, que tem por finalidade prezar pela qualidade, razoabilidade, formalidade, respeito e anonimato (que impossibilita qualquer avaliação de cunho pessoal) das pesquisas desenvolvidas, buscando manter o rigor da periodicidade da forma mais adequada possível.

Espera-se, a partir dessa atividade, que as revistas científicas possam cumprir seu propósito mais nobre: construir espaços ativos de coletivização de estudos para que possam ser lidos, debatidos, consultados e utilizados como fonte e subsídio para outras pesquisas. No entanto, há um rol de editores (Fórum de Editores de Periódicos da Anpuh-

¹ Trecho retirado da página “Sobre a Revista” do site da *Revista Em Tese*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/about>. Acesso em: 20 dez. 2023.



Brasil)² que vem observando e criticando a visão meramente instrumental das revistas científicas, que hoje parecem cumprir apenas um papel protocolar de hospedeira de textos, servindo apenas para que os(as) autores(as) recebam pontuação em processos seletivos.

A contradição é que nem todos os agentes envolvidos nessa rede de interdependência desfrutam de reconhecimento pelo esforço depositado, especialmente os(as) editores(as) que desempenham essa atividade de forma voluntária. Não raro, os(as) pesquisadores(as) que submetem seus artigos para a revista desconhecem o funcionamento interno, que inclui um percurso minucioso pelo qual seu manuscrito passa, e o agente por trás de todo este processo, que dedica tempo para aprendizagem e prática de ferramentas de gestão editorial, garantindo, tanto a existência do periódico, como a excelência das publicações. Inúmeras vezes os(as) editores(as) são cobrados de maneira injusta, precisamente pela falta de conhecimento de que um periódico depende não só do trabalho da equipe editorial, mas também da disponibilidade de avaliadores(as) para emitir parecer sobre os artigos e que, diga-se de passagem, também tem se tornado cada vez mais escasso, o que se reflete em atraso no fluxo editorial.

A escassez (ou inexistência) de políticas de valorização das revistas científicas, a falta de reconhecimento institucional da atividade de editoração, a ausência de acolhimento por parte dos programas de pós-graduação, as quais as revistas são vinculadas, e a falta de investimento das agências estaduais e federais de fomento à pesquisa e ensino são obstáculos que tomam uma proporção muito maior, principalmente em periódicos menores da área de humanidades. Esta conjuntura foi acelerada, pois encontrou eco no macro cenário de desmonte do setor de educação como um todo, intensificado no governo Bolsonaro e pela pandemia de Covid-19 nos anos 2019-2022, e que no atual momento se encontra em processo de reestruturação e reorganização do seu quadro editorial.

Diante do exposto, o objetivo a partir deste artigo é promover uma reflexão sobre a necessidade de um olhar atento para periódicos discentes menores que atuam na área de humanidades, como também expor o funcionamento interno desses periódicos científicos, assim como as dificuldades e limitações que desafiam a continuidade desse importante veículo de divulgação científica. O objeto empírico que embasa e sustenta o relato de experiência aqui descrito é a *Revista Em Tese*, periódico no qual as autoras integraram, primeiramente, o corpo editorial como editora de seção e, posteriormente, como editoras-

² Esse editorial coletivo, apesar de representar o campo da história, pode ser estendido para outras áreas das humanidades também, em especial no que diz respeito à valorização do trabalho editorial como um todo.

gerentes. Sendo que uma delas finaliza seu tempo de contribuição na revista após a publicação desta edição e a outra se encontra ativa no exercício da função³.

Por fim, as autoras deixam como contribuição realizar o mapeamento dos últimos onze anos de publicação da revista, contendo informações sobre perfil dos(as) autores(as) por titulação, instituição, gênero e área de conhecimento, temas mais abordados e outras informações referentes ao fluxo editorial. A intenção ao sistematizar esses dados é que eles possam servir para orientar ações futuras, rever abordagens e procedimentos e reposicionar o periódico na atual conjuntura nacional.

2 O QUE SE TEM DISCUTIDO SOBRE PERIÓDICOS CIENTÍFICOS EM NÍVEL NACIONAL?

O Brasil apresenta índices significativos de produção científica, mantendo-se de 1996 a 2021 bem colocado no *ranking* mundial de publicações de artigos em revistas especializadas (13^o lugar). Entretanto, a partir de 2020, o país passa por uma desaceleração no ritmo de produção científica nacional, registrando, em 2022, sua primeira queda no ranking (14^o lugar). A hipótese principal, apresentada no relatório desenvolvido pela parceria entre a editora científica Elsevier e a Agência Bori, foi que o decréscimo se deu “em boa parte, aos efeitos da pandemia, especialmente considerando-se o número de países afetados” (Elsevier; Agência Bori, p. 11).

Por outro lado, há uma divergência entre pesquisadores(as) que analisam o *rank score* que mede o impacto⁴ das publicações científicas brasileiras. Alguns estudiosos acreditam que se publica muitos artigos de baixo impacto internacional, o que acaba criando um cenário alarmante, que recai em forma de cobrança sobre as revistas científicas para a adoção de índices internacionais e medição do fator de impacto de publicações em idioma estrangeiro (especialmente, em inglês). Esse discurso, que não deixa de ser verossímil, costuma ser evocado, principalmente, pelas agências de fomento e financiamento de pesquisas e pesquisadores(as), que acabam replicando aquilo que Campos (2019) chama de “dolarização linguística do mercado científico” ou “dolarização científica”⁵. O sociólogo

³ A escrita desse artigo também contribui para o processo de sucessão de um quadro gerencial para outro, buscando ser também um espaço de aprendizado e conhecimento da situação atual do periódico fornecendo informações que possam servir para reflexões e ações futuras.

⁴ O impacto é medido pela quantidade de vezes que um artigo científico é citado, em comparação com outros da mesma área no resto do mundo, em um determinado período de tempo.

⁵ Incorporação das métricas e bases internacionais anglófonas nas agências financiadoras nacionais como critérios de distribuição de investimentos. Pode-se considerar também, no interior dessa noção, a existência

ainda evidencia que o diagnóstico que aponta um baixo impacto das publicações brasileiras:

[...] padece de sérias falhas, não apenas por desconsiderar os efeitos do isolamento mundial de nossa língua franca, o português, mas também porque interpreta equivocadamente as diferentes estratégias que um país pode adotar para fomentar as descobertas e debates científicos. Embora os artigos aqui publicados tenham menor impacto que aqueles assinados por nossos congêneres colombianos, argentinos e chilenos, por exemplo, o português é hoje a segunda língua com mais citações científicas médias de acordo o Índice h5 do Google Scholar, à frente do espanhol e do francês, só atrás do inglês (Campos, 2019).

A intenção a partir desse artigo não é traçar exaustivamente um panorama da situação da produção científica brasileira, mas ter conhecimento das informações que substanciam e impactam diretamente na forma como os periódicos científicos atuam e têm sua atuação direcionada no contexto brasileiro, a fim de criar um espaço de debate que possa pensar em medidas mais efetivas para a realidade do país e dos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as). Além disso, fica evidente que o periodismo científico internacional, com predominância do mundo anglo-saxão, engendra a prática científica, já que exporta para o restante do globo ferramentas de quantificação, plataformas de armazenamento, sistemas de medição etc., e influencia todo sistema de distribuição de recursos das agências financiadoras que, por sua vez, reforçam a intocada estrutura do produtivismo acadêmico hoje vigente.

Longe de ser um assunto novo para pesquisadores(as) que investigam a temática ou por aqueles(as) que já passaram pela experiência de compor o editorial de um periódico, a produção e publicação científica tem sido pauta de reflexões críticas por parte de editores(as) e pesquisadores (as), que têm se posicionado contra uma lógica produtivista que continua contaminando o universo científico. Nesse cenário de competição na corrida internacional, as revistas acadêmicas, equivocadamente vistas como um canal de escoamento e manutenção dessa lógica, acabam sendo colocadas a serviço dessa distorção da prática científica.

A pressão por publicar gera, inevitavelmente, a produção em massa. Nassi-Calò (2023), coordenadora da coleção SciELO Saúde Pública, explora alguns problemas decorrentes dessa junção: 1) o número de submissões é desproporcionalmente maior que a capacidade operacional das equipes editoriais em encontrar pareceristas qualificados e

de um mercado editorial que tem uma dinâmica própria que muitas vezes não contempla as particularidades de outros países que se vêem incentivados a participar para não se isolar e serem legitimados.



disponíveis para emissão de avaliação; e 2) com uma alta demanda por publicações, surgem editoras⁶ mantidas por financiadores privados que, além de cobrar valores por publicação, empregam mecanismos questionáveis causando o fenômeno “inflação de impacto”⁷. O somatório disso acaba comprometendo a qualidade das pesquisas científicas, visto que orienta a produção para a lógica quantitativista “publique ou pereça” (*publish or perish*) sobre os pesquisadores.

Notoriamente, pesquisadores(as) brasileiros(as), não só da área de humanidades e ciências sociais⁸ – em especial, professores de instituições de ensino superior que participam de corpos editoriais e/ou contribuem na emissão de pareceres integrando conselhos editoriais, geralmente atuando em revistas de maior porte⁹ –, têm debatido e alertado sobre a propagação desenfreada da literatura acadêmica. Teresa C. Rego (2014), pesquisadora e editora da revista *Educação e Pesquisa*, também representante da área de humanidades no comitê científico da SciELO Brasil, utiliza a analogia do veneno-remédio de Derrida para demonstrar a contradição entre o desenvolvimento científico e a democratização do conhecimento dentro dos moldes da política produtivista e como essa lógica acaba implicando em efeitos adversos na vida dos(as) pesquisadores(as), na qualidade da pesquisa e, não menos importante, no futuro dos periódicos científicos.

A reflexão da editora ajuda a visualizar os desdobramentos disso tudo no universo acadêmico e a incorporação de “más condutas na pesquisa”, citando, como exemplos, alguns dos efeitos colaterais deste processo: a rivalidade e disputa entre colegas, adoção acrítica por pesquisadores(as) das ciências humanas e sociais de padrões de publicação das ciências duras, a criação irrefletida e desordenada de novas revistas nitidamente frágeis e imaturas, a prática de ciência salame¹⁰, manipulação e falsificação de dados ou resultados, a coautoria de fachada, entre outros. Ainda defende que, diferentemente de

⁶ Utilizando a nomenclatura do estudo desenvolvido por Mark Hanson *et al.* (2023), Nassi-Calò utiliza o termo “*publishers*” ao invés de editoras ou empresas que atuam como veículo para a publicação de conteúdo.

⁷ Pesquisadores(as), ao identificar o fenômeno, buscam descobrir o impacto real das publicações, ou seja, distinguir aquelas que são autocitações e/ou o “cartel de citações”, através do indicador *SCImago Journal Rank* (SJR). Para saber mais sobre, ver Nassi-Calò (2023).

⁸ Essa discussão se dá também em esfera internacional, por exemplo, muito influenciado pelo movimento da cozinha tradicional ameaçada pela lógica *fast food*. Na Itália, em 1980, surge o movimento chamado de *Slow Science*, iniciado pelo antropólogo Jõe Candau, que data de 2010 a partir do manifesto *Slow Science Academy*, em que pesquisadores(as) defendem a desaceleração da produção científica e vão contra a disseminação global do produtivismo.

⁹ Aqui, refere-se a revistas classificadas no extrato A (1,2 e 3) pelo sistema brasileiro de avaliação de periódicos Qualis/CAPEES.

¹⁰ Submissão de artigos fragmentados da pesquisa, requentados, repetitivos, incompletos, sendo comum também a troca do título para um mesmo conteúdo já publicado em outro periódico, podendo envolver também plágio, autoplágio.

serem avaliadas apenas como condutas pontuais e personificadas, se relacionam com a falta de educação científica e moral do pesquisador. Essas práticas são a ponta do *iceberg*, visto que “o problema é bem mais complexo do que parece ser e está relacionado à política adotada hoje para avaliar e promover a produção acadêmica” (Rego, 2014, p. 340)¹¹.

Parece haver, no entanto, uma crítica que é consenso na maioria dos escritos sobre o tema e que Benchimol, Cerqueira e Papi (2014, p. 350) colocam nos seguintes termos:

[...] percebemos que essa lógica detestável [o quantitativismo] é um dos mais ativos fermentos da endogenia, prima-irmã do compadrio, traço da identidade brasileira muito forte também no meio acadêmico: cada escola de nível superior, cada curso de pós-graduação sente-se no dever de ter um periódico próprio para escoar a produção local, muitas vezes sem critérios adequados de avaliação.

Indiscutivelmente, há uma presença massiva de revistas científicas vinculadas aos programas de pós-graduação, mas longe de generalizar de tal forma, existem periódicos que, mesmo não estando entre os melhores extratos métricos exigidos pelas agências financiadoras e que tampouco contam com orientação ou um corpo editorial altamente profissionalizado, e/ou com docentes-pesquisadores integrando/participando direta ou indiretamente, são bem sucedidos em cumprir com o funcionamento minucioso que um periódico impõe. Esse é o caso da *Revista Em Tese*, objeto de observação deste artigo, que pode ser considerada no rol desses periódicos gerenciados por discentes da pós-graduação que vem ganhando espaço nos estratos do Qualis/CAPES¹².

Isto posto, no tópico seguinte serão abordadas questões pertinentes especificamente sobre essa crítica que, se repetida de forma generalizável e descuidada, pode solapar o potencial e desvalorizar o esforço de muitas revistas ativas que desempenham e cumprem seu papel de maneira comprometida sem conseguir, contudo, aderir de forma hábil todas as exigências impostas pelos mecanismos de hierarquização de periódicos.

Atualmente, já existe o entendimento de que uma mudança substancial deve acontecer para romper o ciclo vicioso que envolve a estrutura da produção científica como um todo. Campos (2019) aponta um movimento em direção a formação de um “mercado

¹¹ Vale lembrar, no entanto, que são inúmeros pesquisadores abordando o tema de produtivismo acadêmico. Algumas referências consultadas: Castiel e Sanz-Valero (2007), Sguissardi e Silva Júnior (2009), Bianchetti, Zuin e Ferraz (2018), entre outros.

¹² Se trata de um sistema brasileiro de avaliação de periódicos, mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que relaciona e classifica os veículos utilizados para a divulgação da produção intelectual dos programas de pós-graduação do tipo “*stricto sensu*” (mestrado e doutorado), quanto ao âmbito da circulação (local, nacional ou internacional) e à qualidade (A, B, C), por área de avaliação.

nacional científico”, sem deixar de incentivar publicações internacionais. Se, por um lado, a iniciativa da criação de um mercado próprio pode isolar o Brasil das descobertas internacionais, dado que, especialmente na área de humanidades e sociais, os temas estudados “[...] costumam ser mais voltados aos problemas nacionais; por isso, estão menos internacionalizados e têm fator de impacto relativamente mais baixo do que em outras áreas” (Rego, 2014, p. 331). Por outro lado, é necessário ter em mente que fomentar e priorizar um universo de comunicação científica próprio acaba conectando as problemáticas locais que, evidentemente, reverberarão não só nacionalmente, mas também internacionalmente, uma vez que o Brasil compartilha experiências semelhantes com os demais países da América Latina.

É preciso chamar atenção também para a imprescindibilidade da insurgência de uma ação política coletiva, que pressione e combata efetivamente a estrutura de reprodução de uma racionalidade que orienta um conjunto de práticas e que minam possibilidades de construção do conhecimento científico de forma sistemática. Rego (2014) também defende a necessidade de uma ação política que tenha como objetivo a reorganização do sistema de produção, avaliação e comunicação da ciência, por meio da criação de espaços de integração entre editores que possam, através de fórum permanente, trocar experiências, e pensar coletivamente alternativas para atenuar o produtivismo, formular políticas públicas e programas específicos voltados para divulgação científica de qualidade.

Neste ínterim, questiona-se qual o espaço que revistas científicas discentes, de menor porte, ocupam nessas discussões. Há um olhar mais atento para esses periódicos ou a simples dissolução destes poderia resolver, em parte, o problema? Se tem conhecimento da existência de periódicos discentes com uma (ou mais de uma década) de atuação? Estes estão trabalhando com poucos ou nenhum recurso, mantendo a periodicidade, cumprindo com o rigor avaliativo, subindo – mesmo que lentamente – na escala Qualis/CAPES, mas ainda carecendo de uma sistematização, orientação e integração com os Programas de Pós-Graduação ao qual estão vinculados e com editores(as) de outras revistas (não apenas discentes)? Se tem uma perspectiva de promoção de consultorias e treinamento para pós-graduandos comporem as equipes editoriais, visando uma maior valorização institucional da atividade, bem como qualificando o exercício das revistas?



3 NOS BASTIDORES DE UM PERIÓDICO DISCENTE: VINTE ANOS DA *REVISTA EM TESE*

A *Revista Em Tese*, periódico gerenciado por discentes de pós-graduação, e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), recebe artigos, ensaios, resenhas, traduções e entrevistas inéditas para publicação semestral em formato digital. Desde 2003, ano da sua criação, até o presente momento, a *Em Tese* vem trabalhando, não só para manter a sua existência, mas buscando o aperfeiçoamento das suas atividades, lidando com adversidades e se empenhando em superá-las, sendo estas fundamentais para o amadurecimento e adequação a novas demandas.

Tendo em vista que se trata de um periódico discente, em que a equipe editorial é composta por pós-graduandos de mestrado e doutorado – que tem sua participação limitada por um determinado período de tempo –, o traço constitutivo da revista é a alta rotatividade de membros, o que se torna também um dos principais desafios na realização de objetivos a serem alcançados a longo prazo. Isso se dá, pois, além de ser um trabalho que o(a) aluno(a) voluntariamente se disponibiliza, também não há um tempo aprazado de participação que, geralmente, se finda próximo ao processo de escrita da dissertação ou tese do participante.

Apesar da *Em Tese* ter uma capacidade auto-organizativa bem estruturada, o aspecto da alta rotatividade acaba inviabilizando ou dificultando que a revista possua um histórico mais detalhado e sistematizado da sua criação, membros participantes, e processos pelos quais passou ao longo de seu período de existência (participação em editais, momentos críticos, mudança de gerência, troca de editores-chefes, entre outros eventos que possam fornecer informações relevantes para a compreensão da trajetória da revista).

Evidentemente, o periódico produz informações que podem ser utilizadas para consultas futuras e que podem substanciar quem se dedica a contribuir na dispersa tarefa de reconstituição da história do periódico. Há alguns documentos que podem servir a esse esquadramento como, por exemplo, os editoriais que abrem a publicação de uma nova edição, atas de reuniões, o balanço das publicações no período de 2013-2016 escrito e

publicado por Di Carlo¹³, o estatuto que estabelece regras que devem guiar o trabalho em todas funções da *Revista Em Tese* (publicado na mesma edição do balanço), as métricas produzidas pela plataforma *Open Journal Systems*, que hospeda a revista e que fornece dados quantitativos referente à atividade editorial da *Em Tese*, informações gerais dispostas no site, publicações em redes sociais, manuais de orientação produzidos pela equipe etc. No entanto, parece fundamental também elaborar um mapeamento de integrantes-chaves, que compuseram e contribuíram para o trabalho editorial da revista e na realização de entrevistas, a fim de observar mais detidamente o percurso de vinte anos de existência do periódico.

Reconhecendo essa necessidade e não podendo supri-la em tempo hábil, em razão de ocorrências internas da revista que demandaram um esforço e dedicação maior, a intenção desse tópico é discorrer sobre os últimos onze anos da *Em Tese*, com um foco maior nos últimos três anos, propositando registrar a importância da valorização dos periódicos discentes de menor porte, que estão atentos às discussões acadêmicas sobre a função dos periódicos científicos no Brasil e buscam artifícios para contribuir e contornar práticas que contaminem o espaço autêntico de produção do conhecimento; bem como enaltecer a envergadura das publicações e os vinte anos de existência do periódico através do mapeamento dos últimos onze anos da atuação da revista.

Ademais, visa-se contrapor críticas de pesquisadores que apontam – com base em exigências e métricas que eles mesmos assumem como problemáticas – que revistas originadas no interior de programas de pós-graduação têm uma tendência a surgir já “[...] endógenas, frágeis, mal geridas e administradas de maneira pouco profissional” (Rego, 2014, p. 341). Essa crítica parece carecer de uma especificação maior sobre a quais periódicos se referem, visto que grande parte das revistas acadêmicas em atividade são oriundas ou vinculadas aos programas de pós-graduação, e passaram pelos mesmos processos de constituição que envolvem superação dos problemas acima mencionados. Porém, algumas foram mais bem sucedidas em progredir no escalonamento das métricas exigidas pelas agências de financiamento, seja por pertencerem a instituições mais antigas e referências em determinadas áreas de conhecimento, fazendo com que os(as) pesquisadores(as) espontaneamente submetam para estas. Seja por, conseqüentemente, angariar mais recursos que podem ser alocados para o aperfeiçoamento dos periódicos e

¹³ Esse estudo, publicado na edição v. 13, n. 2 de 2016, serviu de inspiração para a escrita deste artigo. Ver Di Carlo (2016).



ter mais profissionais – especialmente, professores(as) – contribuindo na árdua tarefa de orientação para a manutenção da excelência de uma revista científica.

O que se propõe com isso é que seria muito mais efetivo dialogar e colaborar para a construção de uma estrutura sólida de criação e orientação para periódicos no interior de programas de pós-graduação, a partir do entendimento de que revistas científicas podem ser um espaço “laboratorial” que coloca o pesquisador em formação em contato com a investigação científica. Não sendo, portanto, todas essas revistas *per se* um fim ou uma expressão da lógica produtivista mas, que com uma maior qualificação, podem ser um meio de articulação, ao serem porta-vozes de uma política editorial, que demanda uma maior valorização institucional desta atividade, de uma forma integrada e sem distinção entre o editor-docente e o editor “pós-graduando” ou revistas avaliadas no Qualis/CAPES como A (1,2,3,4), B (1,2,3,4) ou C.

Se medirmos a competência da revista pelas métricas CAPES, pode-se inferir que, desde 2014, ano em que o periódico passou por um progressivo aperfeiçoamento e profissionalização editorial, a *Em Tese* galgou posições na classificação Qualis: saiu de B5 – estrato hoje em desuso – para B2, no quadriênio 2017-2020. Essa classificação se deu em diversas áreas do conhecimento – Sociologia, Ciência Política, Relações Internacionais, Interdisciplinar, Comunicação e Informação, História, Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis, Turismo, Direito, Linguística e Literatura –, apontando para uma abertura temática mais ampla e que interseccionam com as linhas de pesquisa que abrange¹⁴. Essa métrica serve também para indicar que há uma atuação expressiva do periódico e isso se deve, em parte, ao Portal de Periódicos UFSC, criado em 2008, e vinculado à Biblioteca Universitária¹⁵, que presta assistência (atendimento, aconselhamento, capacitação do processo editorial e sistema de editoração científica incluindo questões de ética editorial e publicação) e suporte tecnológico (indexação em bases de dados nacionais e internacionais, hospedagem dos periódicos e migração de dados, atribuição do *Digital Object Identifier* [DOI], conferência técnica dos metadados etc.) para os mais de quarenta periódicos científicos editados pela UFSC.

¹⁴ As contribuições contemplam as linhas de pesquisa do PPGSP/UFSC, são elas: ciência, saúde e meio ambiente, instituições, comportamento político e políticas públicas, movimentos sociais, participação e democracia, pensamento político e social, representações sociais e produções simbólicas e trabalho, mercado, Estado e sistema financeiro.

¹⁵ Em 2016, o Portal de Periódicos foi desmembrado, tornando-se uma divisão vinculada à Coordenação de Tecnologia, Conteúdos Digitais e Inovação.

Sem sombra de dúvida, a criação desse departamento desafiou muitas atividades antes incumbidas ao corpo editorial como um todo e, principalmente, aos editores-gerentes. O estatuto da *Em Tese*, publicado no volume 13, número 2, de 2016, colocou as atividades de indexação e fechamento (publicação de uma edição) da revista sob responsabilidade do Portal de Periódicos UFSC, duas atividades fundamentais e que demandam bastante tempo e atenção, como atribuição da equipe editorial (Kamradt; Di Carlo, 2016). Hoje, felizmente, podemos contar com o auxílio, orientação e atuação ativa do Portal de Periódicos, o que facilita significativamente o trabalho.

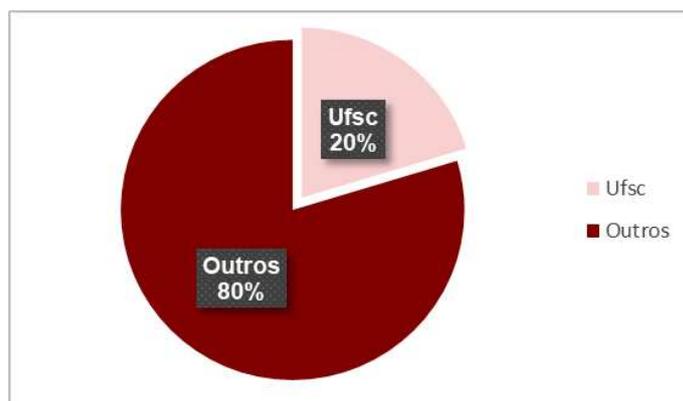
No entanto, ainda parece incipiente um envolvimento mais especializado de cunho científico como, por exemplo, um conselho editorial mais amplo e participativo e até mesmo a valorização e comunicação entre o periódico e os docentes do programa que ele representa. Analisando em retrospectiva, houve um número reduzido de professores do programa, entre os anos de 2014 e 2021, que aceitaram contribuir com a revista, participando da proposição e organização de dossiês. O que demonstra que possa ser necessário o resgate desse vínculo ou, se observado por outra perspectiva, pode ser visto como um ponto negativo sob a justificativa de produzir um nível de endogenia.

A questão da endogenia foi uma questão tratada no balanço de Di Carlo (2016), em que o autor relata que até 2012 o foco da revista havia sido a produção dos discentes do PPGSP/UFSC, passando a se alterar em 2015 e se repetir em 2016. Para mais, o autor acredita que parece haver uma tendência a exogeneidade, já que há esforços para a superação da endogenia através da divulgação e a circulação institucional do periódico, juntamente com o reforço das medidas previstas em editoriais anteriores que visavam: 1) inserir a revista em novos indexadores nacionais e internacionais (prevista no editorial do volume 10, número 2, de 2013) concretizada, em parte, no ano de 2014, volume 11, número 1, através da incorporação de seis indexadores internacionais, triplicando sua indexação, restrita a três nacionais até então (Kamradt, 2014); 2) aumentar para, no mínimo, nove artigos – incluindo entrevistas e resenhas – por edição (ação pronunciada no volume 12, número 1, de 2015); e 3) investir no uso de tecnologias de informação e comunicação, especialmente redes sociais e *mailing*, buscando alcançar cada vez mais interessados em submeter artigos e resenhas para a revista. Nas palavras do editor-gerente da época: “Superar a endogenia não quer dizer que a revista parou de receber trabalhos do programa de pós-graduação que a abriga, mas que os(as) editores(as) se esforçaram em sua circulação institucional” (Di Carlo, 2016, p. 3).



Um balanço realizado pelas autoras, dos artigos publicados nos últimos onze anos (2013-2023), considerou os 215 artigos publicados nesse período envolvendo um universo de 301 autores(as). Assim, ao analisar o vínculo institucional no momento da publicação, foi possível visualizar que apenas 20% eram vinculados à UFSC enquanto 80% pertenciam a outras instituições¹⁶. Dado este que parece confirmar a exogeneidade como consequência do empenho e adoção de medidas para suplantação da endogenia. Abaixo, a demonstração gráfica percentual:

Gráfico 1 – Autores(as) publicados(as) com ou sem relação com a UFSC (2013-2023)

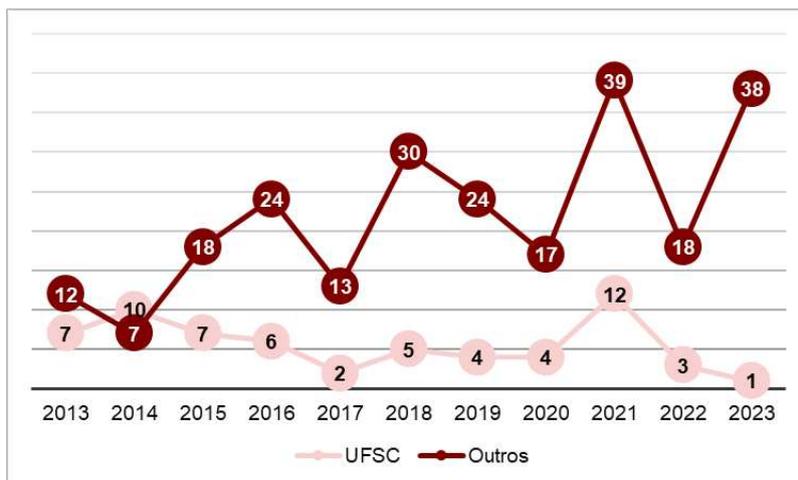


Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

Enquanto o gráfico 1 apresenta um panorama geral da circulação institucional do periódico *Em Tese*, o gráfico 2, que pode ser observado a seguir, revela como se distribuiu temporalmente as publicações, ficando evidente que a revista atingiu um grau de exogeneidade, parecendo ser uma tendência que se repetirá nos anos seguintes posto que, exceto no ano de 2014, os demais anos apresentam maiores contribuições exteriores chegando, inclusive, a zero contribuições da UFSC na edição v. 20, n. 1, 2023, e apenas uma no v. 20, n. 2, de 2023.

¹⁶ Na construção dessa categoria, foram considerados apenas os artigos científicos publicados, eliminando outros formatos (apresentação, editorial, resenhas, traduções, entrevistas, ensaio, *in memoriam*). Considerou-se seis “Apresentações” (v. 11, n. 1 [2014]; v. 12, n. 2 [2015]; v. 13, n. 2 [2016]; v. 16, n. 1 [2019]; v. 18, n. 1 [2021] e v. 18, n. 2 [2021]) por entender que elas discorrem sobre aspectos que vão além da descrição dos artigos publicados. Para fins de compreensão, também é importante ressaltar que no ano de 2017 houve apenas uma edição publicada.

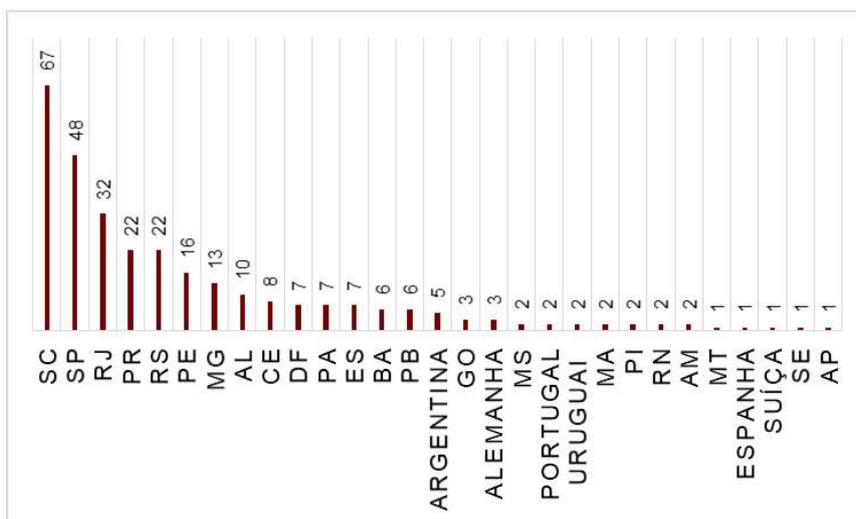
Gráfico 2 – Cotejamento cronológico por autor(a) das publicações Em Tese (2013-2023)



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

No gráfico 3, temos a relação à Localização/Estado das publicações que indica, respectivamente, a presença da Região Sul (36,88%), Sudeste (33,22%), Nordeste (17,61%), Forâneos (4,65%), Centro-Oeste (4,32%) e, por fim, Norte (3,32%).

Gráfico 3 – Distribuição dos(as) autores(as) por Localização/Estado (2013-2023)

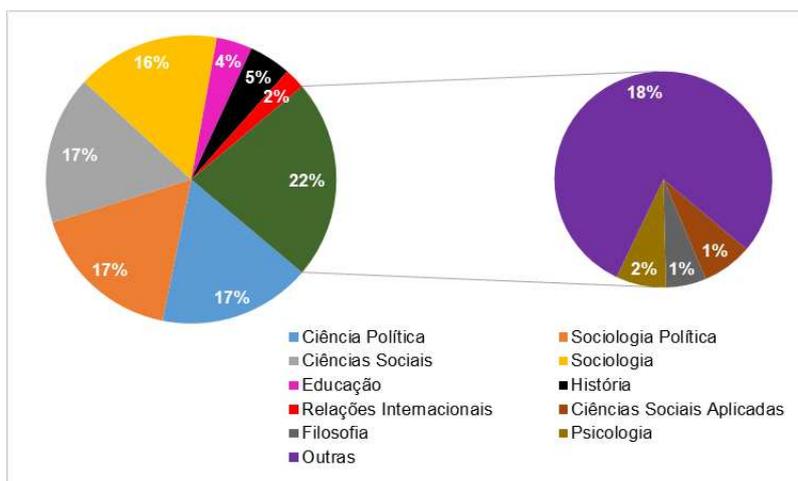


Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

O gráfico 3 demonstra que a revista consegue atingir todas as regiões do Brasil – com maior expressão no Sul, Sudeste e Nordeste – e até mesmo países do exterior. Na sequência, o gráfico 4 listou as dez principais áreas de conhecimento que mais publicaram

na *Em Tese*, durante os últimos 11 anos. A esfera “Outros” se desmembrou em 34 áreas de conhecimento bastante diversas¹⁷, com um total de 53 artigos submetidos.

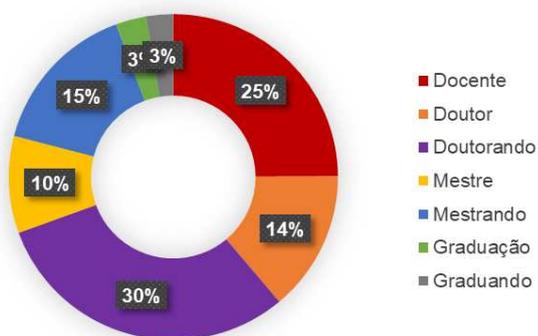
Gráfico 4 – Áreas que mais publicaram (2013-2023)



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

É possível visualizar que, apesar de ter ampliado as áreas de avaliação no quadriênio 2017-2020 no Qualis Periódicos, as humanidades ainda predominam como a principal área de publicação da revista. Ainda assim, a *Em Tese* tem recebido submissões e tido publicações de áreas plurais, que dialogam com a literatura e problemáticas sociológicas e/ou da ciência política. De acordo com o gráfico 5, os doutorandos são os que mais publicam na *Em Tese*, lembrando que a titulação mínima para publicação é Mestre, podendo os níveis menores publicarem em coautoria.

Gráfico 5 – Estágio de formação dos(as) autores(as) (2013-2023)



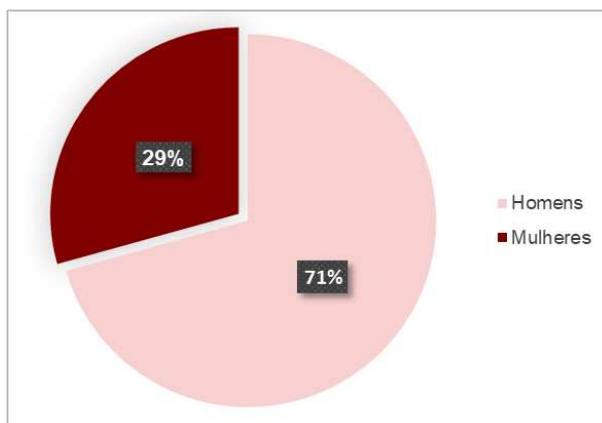
Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

¹⁷ Por exemplo, enfermagem, artes, design, direito, interdisciplinar em ciências humanas, literatura etc.

Houve 8 situações em que o(a) pesquisador(a) era docente e doutorando. Neste caso, optou-se por visualizar qual a área de conhecimento e atuação que mais dialogava com o tema do artigo. No interior desta totalidade, havia pós-doutores, representando 3% desse universo, no entanto, essa categoria não foi incorporada na elaboração do gráfico por entender que pós-doutorado não é considerado um título acadêmico.

Ainda sobre o perfil dos publicados, é possível visualizar que há uma assimetria significativa entre o gênero feminino e masculino. Para compreender os motivos pelos quais essa desproporção ocorre, seria necessário realizar uma investigação mais aprofundada¹⁸. Há dados que demonstram que mesmo as mulheres conseguindo adentrar o universo do ensino superior, ultrapassando o quantitativo de homens doutores (Pesquisa FAPESP, 2019), elas ainda continuam publicando menos e ocupando cargos inferiores na academia.

Gráfico 6 – Autores(as) publicados distribuídos por gênero (2013-2023)

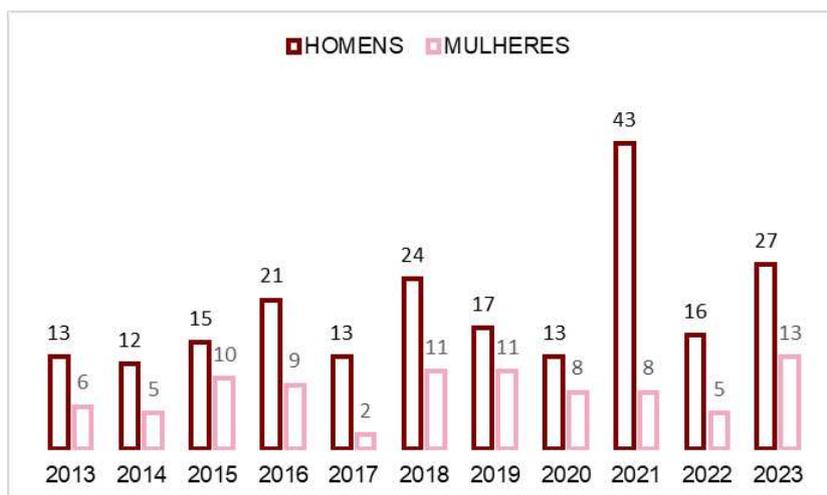


Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

Ao revelar como se dá essa distribuição por ano, fica evidente que a participação feminina em nenhum momento supera a participação masculina, aproximando-se mais nos anos de 2015 e 2019. Aproximadamente, a cada 10 artigos publicados por homens, existem 4 publicados por mulheres.

¹⁸ O estudo realizado por Rocha-Carpiuc e Madeira (2019) pode lançar alguma luz e fornecer algumas pistas sobre esse desequilíbrio na área da Ciência Política. A Revista Pesquisa FAPESP, edição de março de 2020, ano 21, n. 289, também traz uma gama de artigos tratando da desigualdade de gênero na produção científica.

Gráfico 7 – Cotejamento cronológico de autores(as) femininos e masculinos (2013-2023)



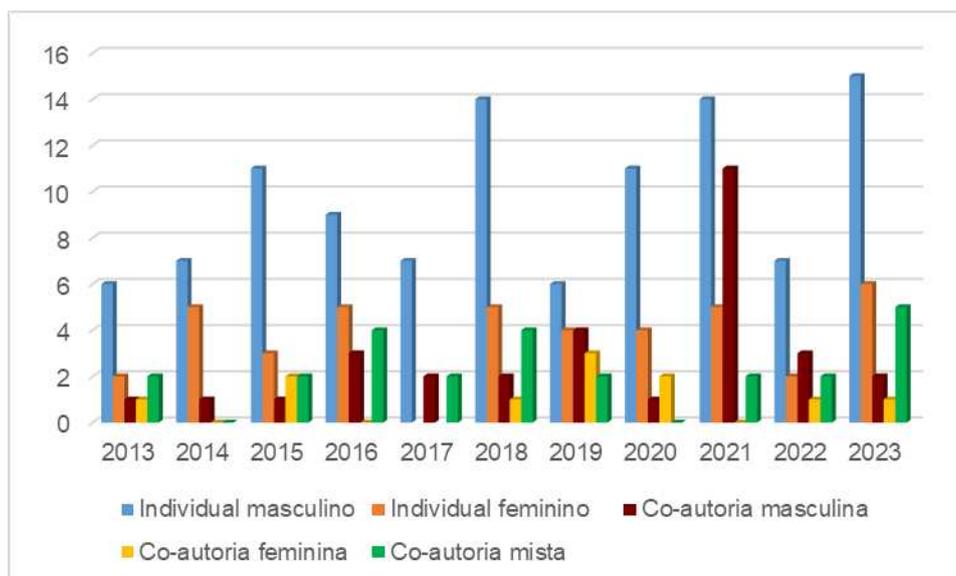
Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

O que chama atenção no gráfico acima é a expressiva desproporção no ano de 2021, em que 43 homens assinaram autoria ou coautoria de um artigo, enquanto apenas 8 mulheres tiveram publicações. Também chama atenção o quantitativo masculino que ultrapassa significativamente os demais anos. Questões estas que trazem algumas indagações: Por que os homens publicaram mais em 2021? O que pode ter ocasionado essa disparidade? Será que isso pode ser reflexo da pandemia de Covid-19¹⁹? O tema dos dossiês atraiu mais o público masculino e afastou o feminino? Ou foi por fatores aleatórios impossíveis de serem dimensionados sem uma investigação mais aprofundada? Fica o questionamento.

Em relação ao tipo de autoria, dos 215 artigos, o sexo masculino publica mais individualmente (50,23%), seguido pelo sexo feminino (19,07%), coautoria masculina (14,42%), coautoria mista (11,63%) e, por fim, coautoria feminina (5,12%). A representação no gráfico 8 abaixo, demonstra como se deu a distribuição por ano dos tipos de autoria e coautoria, ficando visível que a publicação individual masculina é uma constante em todo o período de 2013-2023 e as demais parecem oscilar de um ano para outro.

¹⁹ Alguns estudos apontam a pandemia de Covid-19 como um fenômeno que impactou nas submissões femininas para periódicos científicos. Para saber mais, ver Candido e Campos (2020).

Gráfico 8 – Cotejamento cronológico do tipo de autoria por artigo nos últimos onze anos



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

Para conseguir visualizar alguma tendência ou tentar compreender os dados acima, optou-se por dissolvê-lo por ano e edição da *Em Tese*, ficando evidente que o único tipo de autoria assídua em todas as publicações foi a da publicação individual masculina, que supera mais da metade das demais publicações nos últimos onze anos. As edições 2017.1 e 2019.2 não contêm nenhum artigo publicado individualmente por mulheres ou com coautoria inteiramente feminina, aparecendo apenas artigos com coautoria mista. A coautoria feminina é inexistente em 12 edições, sendo a modalidade que mais se ausenta. Já a coautoria mista e masculina se ausentam em 7 edições.

Quadro 1 – Tipo de publicação por ano/edição dos artigos

Tipo/Ano Edição	13 1	13 2	14 1	14 2	15 1	15 2	16 1	16 2	17	18 1	18 2	19 1	19 2	20 1	20 2	21 1	21 2	22 1	22 2	23 1	23 2
Ind. Masc.	4	2	6	1	7	4	5	4	7	7	7	4	2	1	10	12	2	4	3	5	10
Ind. Fem.	1	1	1	4	1	2	4	1	x	1	4	4	x	1	3	3	2	1	1	4	2
Coautoria M.	1	x	x	1	x	1	x	3	2	2	x	2	2	1	x	4	7	1	2	x	2
Coautoria F.	1	x	x	x	1	1	x	x	x	x	1	3	x	1	1	x	x	1	x	x	1
Co. Mista	x	2	x	x	x	2	1	3	2	1	3	1	1	x	x	2	x	1	1	3	2

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

A contribuição individual feminina, nesses últimos onze anos, não ultrapassou quatro artigos por edição, em contrapartida a publicação individual masculina chegou a 12 artigos na edição de 2021.1. Outra questão também observável é que as edições 2015.2, 2019.1, 2022.1 e 2023.2 contemplam todos os tipos de autoria e coautoria. Ao passo que a edição

2014.1 foi a mais restrita em termos de modalidade de autoria.

Ademais, deixa-se como sugestão uma linha de investigação que pode dar conta da assimetria de gênero nas publicações: a realização de um mapeamento por temas dos artigos publicados por mulheres para que se possa verificar se há alguma relação ou preferência por determinados assuntos/abordagens/metodologia/teoria. A hipótese levantada por Di Carlo (2016, p. 7) sobre desigualdade regional também se confirma quando aplicada em relação a assimetria de gênero: “Quando se supera a endogenia, uma revista acadêmica deixa de ser mero reflexo das práticas acadêmicas do programa que a abriga e passa a refletir as nacionais. Também as assimetrias da produção científica brasileira [...]”.

Por fim, agrega-se a este artigo duas figuras que tem por finalidade apresentar informações adicionais que possam surtir reflexões futuras. A primeira é a elaboração de uma nuvem de palavras utilizando as palavras-chaves contidas nos artigos nos últimos onze anos. As palavras-chaves têm a função, tanto de servir como uma ferramenta que auxilia indexadores e mecanismos de busca a localizar artigos relevantes, tanto como resumir o conteúdo que está sendo abordado. As palavras que mais se sobressaem na nuvem – pensamento, teoria, política, sociologia, Weber, social e democracia – indicam os temas mais referidos nos estudos publicados.

Pode-se inferir, a partir disto, que a Sociologia representa a disciplina mais proeminente, Max Weber como o autor que a representa e os temas teoria política, democracia e pensamento social, além de ter sido tema dos dossiês 2014.1 e 2021.1, que tiveram uma quantidade considerável de artigos publicados. Ao redor destas, é possível vislumbrar outros vocábulos que aparecem com menor frequência, mas ainda de maneira expressiva: história, ação, pandemia, burocracia, capitalismo, conhecimento, eleitoral/eleições, cultura, representação, partidos, movimento, brasileiros, hegemonia etc.



Figura 1 – Nuvem de palavras das palavras-chaves (2013-2023)

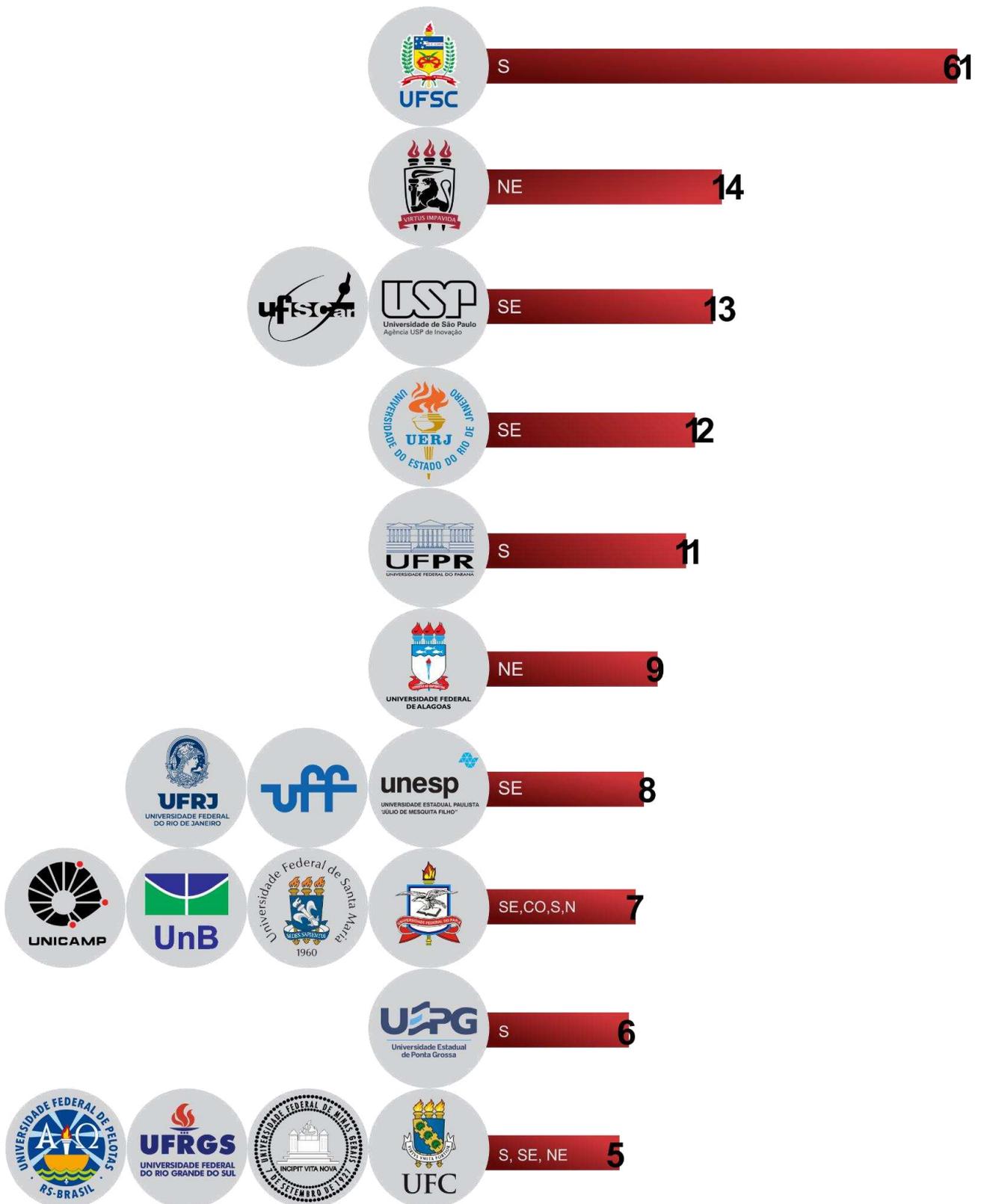


Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)

A figura 2 traz o *ranking* das dez instituições que mais publicaram na *Em Tese*, nos últimos onze anos, seguido pelas regiões. Na primeira posição, a UFSC com 61 publicações, seguida pela UFPE com 14 artigos, a UFSCar e a USP empatam e ocupam a terceira posição (13 artigos), a UERJ aparece em quarto lugar (12 artigos), UFPR na quinta posição (11 artigos), UFAL em sexto lugar (9 artigos), em sétimo aparece a UFF, UFRJ e UNESP (8 artigos), na oitava posição UFPA, UFSM, UnB e Unicamp (7 artigos), penúltima posição UFPG (6 artigos) e por último UFC, UFMG, UFPel e UFGRS (5 artigos). É possível verificar que no estado de SC a única instituição é a UFSC, e a UDESC aparece apenas em 11ª posição juntamente com a UFPB e a UVV com quatro artigos. O estado que mais aparece no ranking é o estado de SP, seguido pelo RJ e RS. A região do Norte tem como representante a UFPA em sétimo lugar. Se somados, a região Sul lidera o *ranking* com um total de 89 artigos, logo atrás o Sudeste, com 74 artigos publicados, e a região Nordeste na sequência, com 28 artigos.



Figura 2 – Ranking das dez instituições mais publicadas na *Em Tese* (2013-2023)



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados (2023)



Até o momento, a *Em Tese* já contou com contribuições de 76 instituições diferentes, outro ponto que demonstra a exogenidade, visto que o periódico atingiu uma circulação multi-institucional. A proposição e organização de dossiês demorou mais tempo para sair da endogeneidade, mas, mesmo tendo um número maior de organizadores vinculados à UFSC, a recepção de artigos temáticos foi, em sua maioria, provenientes de outras instituições.

O primeiro dossiê publicado pela revista ocorreu em 2014 – v. 11, n. 1 –, tendo os dez seguintes organizados por, pelo menos, um(a) pesquisador(a) vinculado à UFSC; isso se deu em decorrência de uma política editorial adotada pela *Em Tese* de atribuir aos editores(as) a proposição e organização de dossiês, desde que acompanhados por docentes do PPGSP/UFSC ou professores-doutores de outros cursos.

Posteriormente, com a elaboração e adoção, em 2021, de um edital de chamada para dossiê temáticos, a filiação institucional dos organizadores passou a ser mais diversa, especialmente na segunda edição de 2022, volume 19, número 2, em que os proponentes do dossiê foram em sua totalidade externos à UFSC, repetindo esse mesmo padrão em 2023, em suas duas edições. Além disso, a inovação da formulação de um edital próprio para proposição de dossiês estabelece como condição necessária o envio de uma resenha, uma entrevista e uma tradução, que agora passam a ser atribuições dos(as) organizadores(as) e não mais da equipe editorial. Vale ressaltar que, mesmo existindo o edital de chamada para dossiê, integrantes da equipe editorial também podem concorrer, desde que seguindo os critérios previstos no documento. Em 2022, houve a abertura de um novo edital para recebimento e escolha de duas de propostas de dossiês temáticos a serem publicados em 2023.

No entanto, esse formato, desde a edição v. 19, n. 2, apresentou alguns problemas, que somados a outros fatores, criaram dificuldades para a equipe editorial: o dossiê *Estudos sociais de inovação* não pôde ser configurado como dossiê, mas como uma “edição especial”, pois poucas submissões foram realizadas, mesmo prorrogando o prazo para recebimento, teve apenas dois artigos aprovados. Atribuiu-se essa escassez ao tema ser ainda incipiente na área das ciências sociais. Entretanto, os(as) organizadores(as) se comprometeram e encaminharam uma resenha, tradução e entrevista, o que qualificou a edição publicada.

O primeiro dossiê vencedor de 2023, *Religiões, imaginários sociais e (re)construção de nacionalidades*, mesmo com sete artigos temáticos aprovados, não contou com o envio da resenha, tradução e entrevista por parte dos organizadores, ficando a cargo da equipe



a busca por algum especialista na área para a escrita da apresentação, o que acabou atrasando a publicação. No dossiê *Subúrbio e periferias: atores, projetos e territórios na organização de memórias coletivas do espaço urbano*, em que este artigo consta, foi possível estruturá-lo de maneira completa. Ainda assim, não se conseguiu colocar em dia as publicações das edições, o que orientou a decisão da gerência em publicar as próximas no formato de fluxo livre, já que o periódico apresenta um bom índice de submissões contínuas, o que também pode ser uma oportunidade de diversificar o banco de pareceristas no sistema.

Mesmo que este manuscrito tenha como foco a produção de artigos científicos publicados na *Em Tese*, que por si só já são bastante numerosos e conseguem exprimir o vigor do periódico, há também a publicação de entrevistas, resenhas, traduções, ensaios e *in memoriam* que devem ser não só lidas, mas também consideradas dentro do leque de publicações da *Em Tese*.

No período de 2013-2023, a *Em Tese* contou com a publicação de 13 entrevistas, o que envolveu um universo de 23 autores – sete delas foram publicadas em coautoria –, em que 16 eram vinculados ao PPGSP/UFSC, dois da UERJ, um da UFRRJ, um da UNIFAP, um da Unicamp, uma da Universidad Nacional de Córdoba da Argentina e uma da Universidade de Heidelberg da Alemanha. Nos anos de 2014 e 2022, não houve publicação de entrevistas, e os anos 2016, 2019, 2020 e 2021 contaram com apenas duas entrevistas publicadas. Os doutorandos são os que mais realizaram entrevistas, seguido pelos docentes e mestrandos. Entre os(as) entrevistados(as), a *Em Tese* têm nomes estrangeiros como: Lawrence Hatab, John Scott, Wolfgang Schluchter, Stephen Kalberg, Hartmut Rosa, David Graeber e também intelectuais brasileiros como Alvaro Bianchi, cacique Luiz Katu, Flávia Consoni, entre outros.

As dezessete resenhas publicadas na *Em Tese* são mais diversas quanto a vinculação institucional dos(as) autores, sendo: 1 IFF, 1 UEL, 1 UEPG, 3 UERJ, 2 UFAL, 1 UFPE, 3 UFPEl, 1 UFRGS, 5 UFSC, 1 UNINASSAU, 1 UFJF. No entanto, há dois aspectos sobre as resenhas que se diferem das entrevistas: 1) são mais publicadas individualmente do que com coautoria (apenas 3 das resenhas foram escritas em coautoria); e 2) há submissões de forma espontânea, ou seja, nem sempre são vinculadas aos dossiês ou submetidas pelos organizadores destes. Nos anos iniciais – 2013, 2014 e 2015 –, não houve submissão de resenhas. Porém, nos anos subsequentes, todos tiveram resenhas publicadas nas duas edições, exceto em 2023.1, sendo a maioria de doutorandos. Entre os livros resenhados, estavam *Crises políticas e capitalismo neoliberal no Brasil*,



Reinventando o capitalismo de Estado: o Leviatã nos negócios – Brasil e outros países, Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança, entre outros.

As dez traduções publicadas são do ano de 2020 para cá, em sua maioria publicadas em coautoria, envolvendo um universo de 16 autores(as), sendo apenas 4 submetidas individualmente. A predominância de vínculo institucional é do PPGSP/UFSC, mas tendo também contribuições da USP, UFSM, Unioeste, UERJ, UFMG e UFRGS. Só no ano de 2021 foram publicadas 5 traduções (3 em uma edição e 2 em outra). Ainda, a *Em Tese* conta com um ensaio (2022.2) e um *in memoriam* (2020.2), ambos provenientes do PPGSP/UFSC.

4 UM PANORAMA DOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS DA REVISTA EM TESE: O QUE FOI FEITO E O QUE PODE SER FEITO

A intenção deste tópico é relatar o que aconteceu no periódico nos últimos três anos, visto que a escolha desse período dialoga com a participação de uma das autoras que iniciou sua atuação no ano de 2021. Tendo em vista que durante a escrita deste artigo se percebeu que, em anos anteriores, o conteúdo abordado nos editoriais tinham a função de informar eventos e traçar ações futuras para o aperfeiçoamento do periódico, aspecto este que foi se perdendo no decorrer dos últimos anos, a intenção aqui é registrar fatos relevantes que sirvam para orientar equipes vindouras, para que estas tenham onde fundamentar as decisões e os rumos da *Em Tese*.

O processo de recrutamento de novos membros é uma constante que acontece, na maioria das vezes, no início do semestre letivo. O(a) aluno(a) manifesta interesse em compor o corpo editorial e, a partir disso, a gerência organiza uma reunião de boas-vindas e, conseqüentemente, um treinamento onde são repassadas todas as orientações necessárias sobre a atividade que irão desempenhar. Como a atividade de editor possui muitos detalhes, a etapa de treinamento dos editores é fundamental para se manter a qualidade dos processos, por isso é recomendada uma atenção maior nesse momento.

A *Revista Em Tese* compartilha um e-mail institucional com os(as) editores(as), no qual constam inúmeros manuais contendo o passo a passo dos procedimentos, vídeos, modelos de mensagens e documentos com o objetivo de auxiliar, facilitar e instruir as tarefas. É essa estrutura que mantém a capacidade auto-organizativa e a qualidade do periódico mesmo diante da alta rotatividade de membros. Portanto, esses arquivos devem ser frequentemente revisados a fim de serem atualizados. Os encontros entre os(as)



editores(as) são todos realizados de forma *online*, inclusive o saneamento de dúvidas, que são atendidas em um grupo de *WhatsApp* específico. Não se sabe se isso foi um reflexo pós-pandêmico, mas desde 2021 tem sido nesse formato, e parece que irá permanecer, pois desde 2023 foram aceitos no corpo editorial pós-graduandos(as) de outras instituições, inclusive de outros estados.

A decisão de incorporar membros oriundos de outras instituições é decorrente da dificuldade de recrutamento de pós-graduandos(as) apenas no universo da UFSC, o que ocasionou um esvaziamento do quadro de editores(as) ao mesmo tempo que o fluxo de submissões aumentou. A ideia partiu de uma chamada para interessados(as) em fazer parte da *Em Tese*, divulgada via redes sociais – *Instagram* e *Facebook* –, em que houve manifestações de pós-graduandos(as) de outras instituições.

Sendo assim, atualmente, a *Em Tese* conta com um quadro de editores(as) bastante diversificado, composto por 10 mulheres e 3 homens provenientes de diferentes instituições (7 membros da UFSC, 2 da UFPI, 1 da UFPE, 1 da UFSM, 1 da UFMG e 1 da UFBA). O aumento da representação feminina no corpo editorial é uma medida considerada importante para a resolução da assimetria de gênero, pois conforme explica Marques (2020, p. 30): “O fenômeno brasileiro carece de um estudo detalhado, mas há queixas sobre a sub-representação das mulheres entre revisores de artigos científicos e no corpo editorial dos periódicos, o que poderia ser uma fonte de viés na triagem de artigos”.

O esvaziamento da equipe editorial pode ser compreendido como um fenômeno atravessado por múltiplos fatores como, por exemplo: 1) efeito pandêmico, uma vez que desacelerou muitas atividades acadêmicas²⁰; 2) em 2023, completaram-se dez anos sem reajuste das bolsas de pós-graduação acrescido de um contingenciamento expressivo das bolsas de pós-graduação²¹; 3) ausência de incentivos aos periódicos e políticas de valorização da atividade editorial que, inclusive, não pontua em editais na área da docência; 4) cortes na educação cada vez mais sucessivos e expressivos que caracterizaram o governo Bolsonaro; somado aos 5) ataques às humanidades e ciências sociais como, por exemplo, o Novo Ensino Médio e a tentativa de retirada da sociologia como disciplina obrigatória²². Diante desse cenário, a gerência de 2022/2023 buscou alternativas para

²⁰ Os editoriais de 2020, v. 17, n. 2, e a edição, v. 18, n. 1 trazem questões pertinentes à pandemia de Covid-19 e como isso impactou na produção científica brasileira e na *Em Tese*.

²¹ Em fevereiro de 2023, houve o reajuste de 40% das bolsas de pós-graduação. A de mestrado foi de R\$1.500 para R\$2.100. A de doutorado, de R\$2.200 para R\$3.100. Já no pós-doutorado, o benefício passou de R\$4.100 para R\$5.200

²² Todas essas questões de ordem política e econômica foram denunciadas no editorial da edição v. 18, n. 2, escrito pelos editores Adriano Sousa e Xochilt Goulart.

reorganização e retomada da *Em Tese* e, a partir da experiência da gerência anterior, ao procurar por editais de fomento à periódicos.

No ano de 2021, através do edital nº 5/2021/PROEX, de Apoio aos Periódicos da UFSC – Portal de Periódicos UFSC, a *Em Tese*, sob a figura do editor-chefe²³ e por mérito da gerência da época, submeteu uma proposta para a concessão de um bolsista matriculado em curso de graduação da UFSC, para dispor de 20h semanais de dedicação ao projeto, com remuneração de R\$420,00 e com vigência de 8 meses. Sendo contemplada, a equipe da *Em Tese* viabilizou um edital de seleção de bolsistas de extensão contendo uma etapa de entrevistas, em que uma graduanda de ciências sociais da UFSC foi vencedora. As atribuições desempenhadas foram: a) produção de conteúdo para as redes sociais (*Instagram e Facebook*) e meios institucionais; e b) processo de editoração, desde a busca por avaliadores(as) até a formatação dos artigos aceitos.

Seguindo esse exemplo, em agosto de 2023, a *Em Tese* foi contemplada no edital FAPESC nº 21/2022, do Programa de Apoio e Incentivo a Consolidação de Periódicos Científicos, com um valor de R\$9.900,00 (nove mil e novecentos reais). A proposta elaborada e submetida pela gerência, que tinha como proponente o editor-chefe da revista²⁴, ficou em primeiro lugar na pontuação geral da linha C²⁵ e traçou a argumentação a partir da identificação de quatro processos diferentes, mas interdependentes no interior da revista, que demandam uma dedicação cuidadosa, constatando na proposta da seguinte forma:

1. Editorial: engloba o processo de recebimento, busca de avaliadores, revisão ortográfica, editoração, diagramação e publicação das edições. Esse processo é indispensável para a existência da revista. **2. Intelectual:** reúne o procedimento de transformação de dados brutos em informações que subsidiem o cruzamento de variáveis que possam gerar uma interpretação analítica da situação da revista visando promover melhorias e estratégias de atingimento de objetivos estabelecidos pela equipe editorial. Além de possibilitar a produção e escrita de relatórios e balanços, por exemplo, que servirão para orientação de futuros membros. Esse processo é relevante para compreender pontos fortes e fracos da revista. **3. Técnico-operacional:** refere-se ao conjunto de atividades mais específicas que ajudam a mensurar o impacto da revista a partir do emprego de ferramentas tecnológicas. Essa etapa inclui o DOI, ISSN, indexação em bases e repositórios de dados, cuidados com as licenças, indicadores bibliométricos, funções vinculadas ao próprio site da revista etc. Essa fase é substancial para geração de dados brutos que permitam a avaliação da circulação e visibilidade da revista, bem como tem

²³ Prof. Dr. Jacques Mick.

²⁴ Primeiro, submetida em nome do Prof. Dr. Jacques Mick e, posteriormente, alterada para o nome da Profa. Dra. Thais Lapa, atual editora-chefe da *Em Tese*.

²⁵ Segundo o edital, havia três linhas e cada uma poderia selecionar até quatro revistas científicas. Na linha C, enquadravam-se as propostas de editoração e publicação de periódicos científicos classificados em estratos indicativos de qualidade Qualis B3 e B4. Nesta época, a *Em Tese* ainda era Qualis B3, passando para o Qualis B2 apenas em janeiro de 2023. A cada linha era destinado um valor diferente de acordo com o estrato, que ia de R\$10 mil até R\$30 mil.

centralidade na definição do Qualis. **4. Comunicação:** são todas as atividades que envolvem a divulgação da revista, sobretudo para possíveis autores(as): gerenciamento de redes sociais, estabelecimento de redes com outros periódicos, coordenações de pós-graduação, grupos de pesquisa, blogs, sites e páginas que visem a disseminação de conteúdo sobre as revistas científicas, no geral.

A própria elaboração deste artigo está contida na proposta, pois é fruto da possibilidade de poder terceirizar algumas etapas, especialmente a editorial e de comunicação, deixando os gerentes menos sobrecarregados para poder se dedicar a etapa intelectual, ou seja, a elaboração de uma análise e balanço detalhado da revista. Combinando, inclusive, com o aniversário de vinte anos da Em Tese. Foi através desse recurso que houve a contratação de dois serviços – de revisão ortográfica e diagramação/editoração dos artigos e de gerenciamento das redes sociais – que facilitaram e contribuíram significativamente, juntamente com a equipe editorial – agora ampliada e multi-institucional –, para a fluidez do trabalho e publicação de um dossiê completo.

A edição v. 20, n. 02, *Subúrbios e periferias: atores, projetos e territórios na organização de memórias coletivas do espaço urbano*, conta com nove artigos temáticos, nove artigos de fluxo livre, uma resenha livre, uma resenha temática, uma entrevista e uma tradução temáticas, além da apresentação, o editorial e o presente artigo, todos devidamente revisados. A equipe, ciente do atraso da publicação desta edição, que deveria acontecer no segundo semestre de 2023, prezou pela qualidade do trabalho em detrimento da pressa.

No entanto, já há um planejamento e ações concretas por parte da equipe para a normalização da publicação dentro do prazo normal, isto é, duas edições por ano/semestre. Sobre as providências já encaminhadas, pode-se citar o aumento da equipe editorial, a renovação da equipe gerencial, a escolha de edições de fluxo livre e a publicação contínua. Sobre esta última escolha, foi realizada uma enquete no *Instagram* da revista, com a intenção de dialogar e questionar o público sobre suas preferências, resultando em 69% dos(as) pesquisadores(as) optando pela publicação contínua, enquanto apenas 31% votaram na opção de concentrar os artigos aprovados em uma única publicação. Para a equipe, a modalidade de publicação contínua facilita o trabalho, pois o periódico deixa de acumular artigos já aprovados à espera da composição e diagramação, e geram rapidez na divulgação das pesquisas aumentando, assim, a visibilidade dos estudos.

Analisando em retrospectiva e a partir do entendimento que a manutenção e longevidade de um periódico científico, especialmente o discente, envolve processos multifacetados e complexos – que podem ser simplificados, grosso modo, nas etapas acima citadas –, cada gerência acaba priorizando algum. Dito isso, a gerência 2022/2023 parece



ter sido bem sucedida na comunicação, pois conseguiu manter uma regularidade de postagens nas redes sociais – *Instagram*, *Facebook* e *LinkedIn* –, com conteúdos que geraram engajamentos expressivos, em relação a divulgação de artigos e compartilhamento de informações de cunho acadêmico, que resultaram numa circulação institucional importante para o periódico, uma vez que reverteu muito dos usuários em contribuintes da revista seja como autor(a), avaliador(a), editor(a), leitor(a) etc.

Reconhece-se que algumas ações podem ser feitas no sentido de aperfeiçoar ainda mais o periódico como, por exemplo, a atualização das normas de publicação considerando o novo regramento instituído pela ABNT, a renovação do Estatuto da *Em Tese*, com a incorporação das novas práticas, a reativação do conselho editorial buscando estreitar as relações com docentes-pesquisadores(as), a escrita de editorias contendo o mapeamento dos artigos publicados (nº de artigos, gênero dos(as) autores(as), instituição etc.) e a participação em editais vindouros. Sobre a meta de internacionalização do periódico, desejo de todas as revistas científicas, e que é fundamental para se chegar na escala superior do Qualis/CAPES, ainda parece ser um objetivo de longo prazo e que depende de políticas de incentivo e apoio a periódicos menores.

Por fim, e não menos importante, apesar desse tipo de atividade não ser valorizada como deveria, é de extrema deferência pesquisadores(as) em formação que assumem a responsabilidade de ocupar espaços de divulgação científica, prezando sempre pela ética, comprometimento e seriedade, contribuindo para que se faça circular pesquisas e movimentar as áreas de ciências sociais e humanidades, seja como leitor(a), autor(a), editor(a) ou avaliador(a).

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Jaime L.; CERQUEIRA, Roberta C.; PAPI, Camilo. Desafios aos editores da área de humanidades no periodismo científico e nas redes sociais: reflexões e experiências. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 347-364, jun. 2014.

BIANCHETTI, Lucídio; ZUIN, Antônio A. S.; FERRAZ, Obdália. **Publique, apareça ou pereça**: produtivismo acadêmico, pesquisa administrativa e plágio nos tempos da cultura digital. Salvador: Edufba, 2018.

CAMPOS, Luiz Augusto. Manufaturando um falso consenso: sobre o baixo impacto internacional da ciência brasileira. **Revista Dados**, 2019. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/manufaturando-um-falso-consenso-sobre-o-baixo-impacto-internacional-da-ciencia-brasileira/>. Acesso em: 20 jan. 2024.



CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Revista Dados**, 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

CASTIEL, Luis David; SANZ-VALERO, Javier. Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 23, n. 12, p. 3041-3050, dez. 2007.

DI CARLO, Josnei. Balanço das publicações da Em Tese no período 2003-2016. **Em Tese**, Florianópolis, v. 13, n. 02, p. 1-9, set./dez. 2016.

ELSEVIER; AGÊNCIA BORI. **Relatório 2022: um ano de queda na produção científica para 23 países, inclusive o Brasil**. Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), 2023. Disponível em: <http://www2.fesbe.org.br/wp-content/uploads/2022-um-ano-de-queda-na-producao-cientifica-para-23-paises-inclusive-o-brasil.pdf>. Acesso em: 1 de fev., 2024.

FÓRUM DE EDITORES DE PERIÓDICOS DA ANPUH-BRASIL. Por uma política de valorização das Revistas acadêmicas na área de História. **Zenodo**, 1 fev. 2022. Disponível em: <https://zenodo.org/records/5940716>. Acesso em: 30 jan. 2024.

KAMRADT, João. Editorial. **Em Tese**, Florianópolis, v. 11, n. 02, p. 1-4, jul./dez., 2014.

KAMRADT, João; DI CARLO, Josnei. Estatuto. **Em Tese**, Florianópolis, v. 13, n. 02, set./dez., 2016.

MARQUES, Fabrício. A desigualdade escondida no equilíbrio: mulheres conquistam espaço na carreira científica no Brasil, mas obstáculos no acesso a algumas áreas são desafio. **Revista Pesquisa FAPESP**, v. 289, n. 21, p. 26-32, mar. 2020.

NASSI-CALÒ, Lilian. A comunidade científica está publicando (muito) mais e isso é um problema. **SciELO em Perspectiva**, 2023. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2023/11/29/a-comunidade-cientifica-esta-publicando-muito-mais-e-isso-e-um-problema/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

PESQUISA FAPESP. Títulos de doutorado no Brasil – participação feminina. **Revista Pesquisa FAPESP**, 2019. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/titulos-de-doutorado-no-brasil-participacao-feminina/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, abr./jun. 2014.

ROCHA-CARPIUC, Cecilia; MADEIRA, Rafael Machado. Desigualdade de gênero, internacionalização e trajetórias acadêmicas na Ciência Política: evidências no Brasil e no Uruguai. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 19, n. 3, p. 545, 13 dez. 2019.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã, 2009.



NOTAS

TÍTULO DA OBRA

VINTE ANOS DA *REVISTA EM TESE*: NOS BASTIDORES DE UM PERIÓDICO CIENTÍFICO DISCENTE

Fernanda dos Santos Trindade

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)
Universidade Federal de Santa Catarina
fernandatrindade94@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0003-3252-7272>

Brenda Gonçalves Andujas

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP)
Universidade Federal de Santa Catarina
brendaandujas@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0001-8681-5136>

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

